

## As aventuras de um livro: Uma cronologia comentada da produção de uma coletânea em Antropologia

Soraya Fleischer\*

**Resumo:** Entre os anos de 2004 e 2007, então como duas doutorandas, uma colega e eu estivemos à frente da organização, publicação, divulgação, distribuição e vendagem de uma coletânea na área da Antropologia. Nos últimos anos, outros colegas, igualmente juniores na carreira acadêmica, sentiram-se confortáveis para nos consultar sobre a confecção desta publicação. É justamente essa demanda que me motivou a sistematizar o percurso de produção do referido livro. Escrever, produzir e divulgar as próprias ideias são também conhecimentos e capacidades adquiridos e acumulados e, dada sua importância para o *ethos* acadêmico, não podem ficar restritos às dicas esporádicas, às rodas de conhecidos, ao aprendizado por um mimetismo tutorial. Também nessa etapa do trabalho acadêmico, é preciso o registro metódico dos aprendizados e o escrutínio dos pares. Para este artigo, retomei à base da comunicação empreendida durante a confecção do livro, um acervo de quase 2.000 emails trocados entre as organizadoras, as autoras e outros pares. Sem conhecer os bastidores de um livro, sugiro que nos enredamos numa dependência em relação à “cultura do editor” e na espoliação de nosso próprio esforço intelectual. Assim, o objetivo do artigo é relatar os bastidores da coletânea que produzimos e esperar que algumas lições possam ser úteis a outros colegas que esperam ver seus textos na praça.

**Palavras-chave:** Processo editorial; coletânea; Antropologia.

**Abstract:** Between 2004 and 2007, as two PhD candidates, my colleague and I headed the organization, publication, informal marketing, distribution and selling of an Anthropology collection. In the last years, other colleagues, also academic juniors, have felt comfortable to consult us about the making of a publication. This demand is what inspired me to systematize the production trail of the mentioned book. Write, produce and disseminate one’s own ideas are also kinds of knowledge and capacities that are acquired and accumulated and, due to its importance to the academic ethos, cannot be held restricted to eventual tips, to friendly circles or to learning through tutorial mimetism. This stage in the academic work also needs methodic documenting of the lessons learned and the fellow critical scrutiny. For this article, I referred to the communication facility used during the tailoring of the book: a gathering of almost 2.000 emails exchanged between the editors, the authors and other fellows. If we do not know the backstage of a book’s production line, I suggest we entangle ourselves in a dependency relationship in a “editor’s culture” and also plunder our own intellectual production. Thus, the goal here is to recount the backstage facts of the collection we produced and expect that some of the lessons gathered here be useful to other colleagues that also want their work to be public.

**Keywords:** Editorial process; collection; Anthropology.

---

\* Doutora em Antropologia; professora adjunta da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: soraya@ispn.org.br

Entre os anos de 2004 e 2007, então como duas doutorandas em Antropologia, Alinne Bonetti e eu estivemos à frente da organização, publicação, divulgação e distribuição de uma coletânea. “Entre saias justas e jogos de cintura” (Bonetti e Fleischer, 2007) teve como propósito reunir discussões recentes sobre o trabalho de campo etnográfico promovidas por antropólogas em fase de formação no Brasil. Mais do que anedotas e relatos de campo, mais do que um manual de procedimentos e técnicas, a idéia era registrar como **gênero** e **geração** haviam sido diacríticos que impactaram tanto a relação destas pesquisadoras com seus interlocutores em campo quanto a subsequente produção de dados e textos. A primeira tiragem do livro foi esgotada em cinco meses e, atualmente, ele está na sua primeira reimpressão<sup>1</sup>.

Nos últimos anos, outros colegas, igualmente juniores na carreira antropológica e acadêmica, sentiram-se confortáveis para nos consultar sobre a confecção do livro. Talvez inspirados por essa publicação, talvez motivados a divulgar seus resultados de pesquisa, queriam conhecer a experiência que acumulamos nesse período. É justamente essa demanda que me motivou a sistematizar o percurso de produção do “Saias”, como o livro ficou conhecido entre nós. Em geral, observo que nesta fase de formação, publicar, etapa fundamental da produção intelectual, tem sido aprendido por mimetismo e “tentativa e erro”. Pouco se escreve ou registra sobre estas experiências, geralmente de modo informal e discipular: algumas dicas são repassadas (e/ou simplesmente observadas) aqui e ali por professores e orientadores com quem se tem mais proximidade. Escrever, produzir e divulgar um livro (ou artigos, ensaios, resenhas, relatórios etc.) são também conhecimentos e capacidades acumulados e, dada sua importância para o *ethos* acadêmico, não podem ficar restritos às dicas esporádicas, às rodas de conhecidos. Também nessa etapa do trabalho acadêmico, é preciso o esforço do registro metódico e permeável ao escrutínio dos pares. Noto que os profissionais juniores têm mais dificuldade de publicarem seus textos, que talvez seja aguçada pela maior legitimidade de que gozam periódicos e livros de autoria única (frente às coletâneas, por exemplo), pela resistência que a “popularização” do conhecimento enfrenta (muitas vezes, essas iniciativas são tidas negativamente como “antropologia aplicada”) e pela “cultura do editor” que impera no país, onde sua própria produção fica sob a responsabilidade de outro ator que encaminha a publicação.

Assim, meu objetivo aqui é simples: relatar os bastidores da coletânea que produzimos e esperar que algumas lições possam se tornar úteis para outros colegas que esperam ver seus textos na praça. Depois de minha experiência com o “Saias”, acredito um pouco mais que profissionais em início de carreira, sem muitos p/madrinhas e sem recurso, possam fazer idéias circularem e contribuir

---

<sup>1</sup> Aproveito para agradecer aos ótimos comentários e sugestões que Alinne Bonetti ofereceu a este texto. Agradeço também aos amigos e amigas, de Porto Alegre e de outras cidades, que nos estimularam a levar a frente o “Saias”, mesmo quando esse cenário parece irremediavelmente inóspito. Márcia Veiga, Ângelo Adami, Gracco Bonetti, Michael Swioklo e Rosana Machado ilustram essa longa e afortunada lista de entusiastas.

para o avanço da Antropologia. Contudo, este artigo não pretende, obviamente, se assemelhar a um manual ou a um exemplo paradigmático atemporal de táticas e técnicas para a publicação acadêmica. É simplesmente, por um lado, a reunião um pouco mais sistemática e analítica de uma experiência pessoal e, por outro, a expectativa de que se encontre aqui um ou outro aprendizado replicável e, na melhor das hipóteses, aperfeiçoável<sup>2</sup>. É bom lembrar que esse livro não se sobressai como uma excepcionalidade editorial, mas o fato de eu ter acompanhado todas as fases de concepção, produção e comercialização, julgo que ele acumula uma variedade de aprendizados que, ao vir a público de forma mais organizada, talvez sejam úteis para outros colegas da área.

Para este artigo, retomei à base da comunicação empreendida durante a confecção do livro. Quase 2.000 emails foram trocados entre as organizadoras, as autoras e outros pares como (potenciais) financiadores, equipes de editoras, profissionais da mídia, leitores e consumidores. As memórias pessoais, telefonemas, comentários orais e outros documentos elaborados à época também compuseram o acervo da história deste livro<sup>3</sup>. Percorri estes arquivos para rememorar e remontar uma interpretação da trajetória do livro. Assim, reúno detalhes que julgo importantes para gerar uma publicação, mas que podem ser desconhecidos, subestimados ou naturalizados.

Olhando como bloco e com algum distanciamento temporal, é possível perceber as dificuldades, os momentos de frustração e também alegria, algumas estratégias exitosas que compuseram sua confecção. Optei por narrar minha versão deste percurso de forma cronológica tanto para que um crescendo do trabalho pudesse ser percebido, quanto para recriar e transmitir o *timing* que foi necessário para que, finalmente, o livro estivesse impresso e circulando pelas redes de leitores. O ritmo da produção precisa, a meu ver, ser conhecido para que planejamento e paciência possam ser dimensionados de forma realista. O texto seguirá uma ordem cronológica, ressaltando alguns meses mais significativos do trabalho empreendido. Mas a idéia não é exatamente um relato mensal, mas a revelação de sucessivos *clusters* de atividades que foram surgindo e das lições que daí consigo, no presente momento, derivar. Será observado, por exemplo, que em 2006 o trabalho foi mais intenso e mensal, enquanto que, nos outros anos em que ficamos envolvidas com o “Saías”, isto se diluiu um pouco.

2004

### Novembro

---

<sup>2</sup> Assino individualmente esse relato e, em geral, deixo o sujeito na primeira pessoa do singular. Mas, pelo fato do livro ter sido um empreendimento coletivo, especialmente entre Alinne e eu, em muitos momentos de sua fase de confecção (que envolve, sobretudo a análise do trabalho e subsequente tomada de decisões) o texto aparecerá na primeira pessoa do plural.

<sup>3</sup> Salvo as autoras, a equipe do livro e as duas editoras que o publicaram (informações que invariavelmente se tornaram públicas com o lançamento do livro), os nomes dos demais personagens são resguardados para garantir o anonimato e evitar constrangimentos éticos e comerciais.

Entre Recife e Olinda, na costa pernambucana, Alinne Bonetti e eu nos encontrávamos, naquele final de 2004, em pleno trabalho de campo para nossas pesquisas de doutorado. Ao dividirmos um pequeno quarto alugado no Alto da Sé, tivemos a oportunidade excepcional de compartilhar as angústias e análises do que vivenciávamos diariamente. Entre um diário de campo e outro, entre uma tapioca e uma cerveja, falávamos por horas de nossas interlocutoras, entrevistas, observações, trajetos pelas cidades e seus arredores. Foi nesse contexto que surgiu a idéia de organizarmos um livro que reunisse experiências de campo de antropólogos em processo de formação, assim como nós. Apostávamos que, explicitadas estas experiências – geralmente relegadas ao momento do cafezinho ou, quando eventualmente publicadas, a uma nota de rodapé – outras neófitas/os poderiam se identificar aqui e ali e eventualmente realizar e escrever pesquisas de forma menos solitária. Acreditamos também que é preciso continuar a rever e refletir sobre a produção dos dados antropológicos, as formas de realizar o “trabalho de campo”, as implicações éticas e políticas desse tipo de inserção e diálogo com a realidade.

Rascunhamos uma “Chamada de artigos” e veiculamos para nossas redes, via internet. A expectativa era captar artigos que guardassem as marcas de gênero e geração sobre o fazer etnográfico. Deixamos claro o caráter experimental e artesanal da empreitada e que àquela altura não contava com nenhuma garantia, em termos de recursos ou editora. Durante seis meses, recebemos emails e artigos de toda parte do Brasil e de alguns outros países. Ao todo, 72 pessoas nos escreveram. Fizeram perguntas sobre a idéia do livro e, ao nos contarem de casos vividos em campo, parece que a simples chamada estimulou que deixassem o reserva tradicional destas histórias. Muitas dessas perguntas ajudaram a definir melhor nosso projeto. Se, no “cafofo”, como chamamos o pequeno quarto dividido em Olinda, tivemos um “primeiro momento de diálogo”, com esses e-mails, tivemos um “segundo momento de diálogo”, que foi fundamental para consolidarmos um pouco mais o argumento do livro.

**2005**

### **Abril**

Recebemos 28 textos, retratando grande diversidade de instituições, temas e formação das autoras. Lemos e comentamos todos os textos – fase de esforço argumentativo, crítica construtiva e um genuíno interesse em dialogar. Dos 28, selecionamos 12 artigos que mais se aproximavam de nossa proposta. (Mas fizemos questão de enviar os comentários também para as outras 16 autoras que não entraram no livro, torcendo para que essa leitura fosse útil e que os textos encontrassem outros destinos de publicação.) Dentro de um segundo prazo, os textos fossem revisados e devolvidos pelas 12 autoras. Recomendamos que não aumentassem significativamente os textos após a revisão, pois suspeitávamos que o leque de editoras diminuísse diante de um livro muito extenso. Lemos esta segunda versão dos artigos, com o objetivo de tornar o livro cada vez mais consistente.

Essas duas etapas de leituras demandaram um intenso trabalho de todo o grupo e foi mais lento do que esperávamos. Além dos ritmos, todas nós navegávamos ainda por agendas distintas, já que esse período coincidiu com demandas de pesquisa de campo, qualificação do doutoramento, congressos, doutorados sanduíches. A internet, o telefone e outras tecnologias de comunicação (MSN e Orkut) foram fundamentais para tocarmos nossas tarefas. Tivemos de lidar com essas vicissitudes, negociar prazos e adequar as diferentes temporalidades. Se por um lado, foi o trabalho de campo que aproximou as organizadoras e criou condições para o livro brotar, também foi ele que nos separou por vários meses fazendo com que grande parte do livro fosse organizada virtualmente.

### Outubro

Depois de alguns meses de revisão e trabalho coletivo, os 12 artigos ficaram prontos. Somente neste momento, conseguimos pensar o livro como uma obra inteira, a ordem e os agrupamentos dos textos. Agora, precisávamos buscar os meios e uma editora para viabilizar a publicação.

Neste período, aproveitamos para consultar colegas antropólogos/as, que já tinham publicações e nos enviavam convites para os lançamentos das mesmas, e sugeriram que contatássemos as editoras com o livro pronto. Estas preferiam-nos já revisados e com não mais do que 250 páginas, pois os custos de produção e o preço de capa ficam altos e o lucro se inviabiliza. Alertaram que raramente as editoras encampam livros sem qualquer tipo de investimento financeiro por parte dos autores/organizadores. De nossa parte, o livro estava pronto, ficara um pouco grande e não tínhamos recursos, precisávamos encontrar fontes de financiamento.

Recebemos indicações de editoras comerciais e universitárias, fundações de apoio, editais de fomento etc. e também notamos as principais editoras que haviam publicado os livros de Antropologia que repousavam em nossas próprias estantes. Elencamos possíveis parceiros e abrimos uma frente de comunicação com eles. Para este primeiro grupo de contatos, enviamos um email bastante objetivo e conciso sobre o livro e anexamos o sumário, a lista de currículos das autoras e organizadoras e uma breve apresentação conceitual da obra. Algumas editoras contam com espaços específicos para submeter propostas de publicações, com formulários e *links* próprios em seus sítios eletrônicos. Socializamos esse material, que aqui denomino de “mini-kit”, com as 12 autoras e algumas encaminharam-no a editoras com quem mantinham contatos pessoais.

Fomos percebendo que poucas editoras consideravam de fato às propostas que lhes chegavam de forma espontânea; não havia linhas públicas específicas de financiamento científico para pesquisadores em formação; CNPq e CAPES não publicavam livros face à prioridade de apoiar os periódicos; as editoras e financiadoras universitárias, embora contem com linhas de apoio para publicações, priorizavam seus quadros de docentes e discentes; e quase não encontramos editais públicos de fomento a publicações<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Durante todo o período em que estivemos envolvidas com o livro, só ficamos sabendo de uma editora universitária que optou por edital público, ao qual candidatamos o “Saias”. Contudo, nunca recebemos um retorno oficial e só descobrimos o resultado, muitos meses depois, no sítio eletrônico da universidade.

2006

### Janeiro

Até aqui, não havíamos ouvido de nenhuma das editoras contatadas ao longo de 2005. Era preciso ampliar nosso *mailing list* e continuávamos seguindo as sugestões que nos chegavam, sobretudo quando se tratava do email pessoal de um editor ou funcionário de uma editora.

Uma resposta, embora automática, nos ensinou vários novos detalhes:

A [editora] tem uma equipe que avalia os originais a ela submetidos. Essa avaliação leva em conta diversos critérios e um dos que são primeiramente verificados é quanto ao perfil editorial. Atualmente, não temos interesse em livros de literatura infanto-juvenil, poesia e contos. Para se ter um original avaliado pela [editora], primeiramente, envie uma sinopse, algumas informações pessoais suas e formação acadêmica para [email]. O departamento editorial analisará e enviará uma resposta. Se estiver de acordo com os objetivos da [editora] para o ano, a pessoa será avisada para enviar a cópia do original. No período de seis meses, independente de sua publicação, entramos em contato com os autores. Os escritores não pagam pela edição de seus livros. Se você está disposto a lançar seu título de forma independente, peça um orçamento com nossa gráfica, através do [e-mail].

Dentre tantas respostas padronizadas, escolhi esta para, além de ilustrar como lidavam com materiais enviados de forma espontânea, perceber as suas dicas didáticas. Cada editora se reservava a um nicho de interesse. Em alguns casos, esse foco estava explicitado em seus sítios eletrônicos; em outros casos, somente era informado mediante consulta. Não se devia enviar o livro completo, num primeiro momento. Esta editora, por exemplo, desejava conhecer a idéia central e avaliar se cabia em suas prioridades e cronograma. Conhecer o *timing* desta linha de produção editorial poupa tempo e investimento de ambas as partes. E, por fim, ela oferecia uma segunda opção, o serviço puramente gráfico para os autores com capital inicial. Recebemos outras mensagens padronizadas, geralmente recusas dizendo que “a agenda (ou programação) de lançamento da editora já estava fechada” ou que o livro “não se encaixava em seu perfil de publicações”. Alguns contatos sequer foram respondidos.

Alguns colegas nos enviaram contatos pessoais em editoras. Um editor respondeu prontamente e confirmou como, inclusive no mundo editorial, a pessoalidade pode funcionar: “Por favor, envie-nos uma cópia impressa, acompanhada de um pequeno currículo das autoras. Em princípio o conteúdo está dentro da [nossa] linha editorial, embora trabalhe uma questão que não tenha comercialmente um desempenho forte, nos interessa analisar o texto”. Neste momento, imprimimos e espiralamos meia dúzia de cópias, que denomino de “kit-completo”. A expectativa é que enviaríamos para cada editora que, expressamente, nos pedisse para conhecer o material como um todo.

Ainda neste mês de janeiro de 2006, descobrimos o Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural, do município de Porto Alegre. Embora majoritariamente voltado para produções artísticas, estava claro no edital que os recursos poderiam ser destinados à “produção e edição de obras relativas às Letras, Artes e Humanidades” (Secretaria..., 2005a: 26). Contudo, se conseguíssemos os recursos deste Fundo e reproduzíssemos os livros em uma gráfica, seria eficaz fazer a distribuição e comercialização via autoras e organizadoras, já que as gráficas geralmente não se responsabilizam por tal tarefa? Poderíamos vender algo realizado com dinheiro público, como pessoa física e sem nota fiscal? Ou apresentariamos o eventual aceite do Fundo para uma editora, para que sua marca e serviços de distribuição beneficiassem o livro? Estas são questões que merecem ser discutidas porque a produção independente, por meio de uma gráfica comercial, é uma alternativa ainda pouco explorada por novos autores e pela produção acadêmica em geral, mas que pode se mostrar exitosa. Contudo, é preciso lidar com uma suposta falta de legitimidade, respeitabilidade e chancela acadêmica da qual padecem as produções independentes. Este quadro pode derivar do fato de as gráficas e editoras não universitárias não contarem com o sistema de avaliação da qualidade das obras por meio de conselho editorial e pareceristas *ad hoc*, por exemplo.

Desde a “Chamada” inicial do livro, já haviam se passado 15 meses. Entendemos que as dificuldades e o ritmo desta fase de procura pela editora foram subestimados. Nosso temor era de que as autoras desistissem do projeto e procurassem alternativas. Alertamo-nas que, se isso se passasse, precisaríamos ser informadas para evitar incidir nos direitos autorais da outra publicação.

### **Fevereiro**

A essa altura, começávamos a nos angustiar. Morreríamos na praia com o livro pronto? De dezenas de editoras que contatamos, recebemos somente três respostas, nenhuma delas positiva. Estes foram meses de muito trabalho e pouco retorno, especialmente porque as tarefas do livro coincidiam (e, por vezes, concorriam) com os esforços e prazos da tese que cada uma das organizadoras escrevia.

Neste mês surgiu outra notícia. O edital do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), um similar do Fumproarte, foi aberto no Distrito Federal, e nosso livro se enquadrava no seguinte item do documento: “Edição e publicação de obras relativas a ciências humanas, às artes, ao folclore e ao patrimônio artístico, histórico e cultural” (Secretaria..., 2005b: 10). Como o livro incluiria quatro autoras da UnB, talvez conseguíssemos convencê-los de nos apoiar, com uma boa ginástica retórica, especialmente apelando para um dos objetivos do edital do FAC, “incentivar novos talentos da cidade” (*ibid*). Além do que, o esforço para montar o projeto para o fundo gaúcho serviu como um aprendizado e um adiantamento para o fundo brasileiro. Andrea Lobo, uma das autoras que morava na cidade, concordou em ser a proponente para o FAC. O edital e o respectivo formulário eram detalhados e, aos poucos, fomos nos apropriando de suas técnicas. Era uma nova retórica de interlocução que precisávamos dominar ao nos aproximar dos fundos públicos.

### **Março**

Enquanto isso, uma editora porto-alegrense que havia publicado na área da Antropologia, nos respondeu simpaticamente. Como ficava na cidade, resolvemos visitá-los para uma conversa mais informal. Pela primeira vez, tivemos mais clareza dos impactos que cada detalhe de uma publicação tem sobre o custo total. Levamos o “kit-completo” para facilitar a visualização do projeto e o editor nos ajudou a acertar alguns primeiros detalhes para o livro: “Tamanho do livro fechado: 16 x 23cm; Miolo: 1 cor, papel offset branco 90g/m<sup>2</sup> com cerca de 270 páginas; Capa: 4 x 0 cores, com orelhas, fosca e plastificada; Lombada: 10mm, dobrada, plastificada; Tiragem: 1500 livros”.

Com essa primeira sugestão de padronização editorial, estávamos aptas para buscar os três orçamentos exigidos pelo Fumproarte e pelo FAC/DF, identificar orçamentos super ou subestimados e também vislumbrar de quanto precisaríamos dispor caso, ao final, tivéssemos que custear o livro. Pedimos pelo menos um orçamento local para cada fundo e preferimos editoras respeitáveis e não necessariamente “barateiras” porque, se o projeto fosse aprovado, teríamos que honrar um dos orçamentos apresentados e seria mais seguro contar com uma editora capaz tanto no trato gráfico quanto na distribuição.

Pedimos orçamentos às editoras que já haviam nos dado alguma espécie de retorno. Enviamos a versão eletrônica do livro para que pudessem orçar seus custos de produção, embora uma destas editoras tenha achado melhor fazê-lo com o copião impresso e assim lhe foi disponibilizado um exemplar do “kit-completo”. A cada novo contato, aprendíamos mais detalhes. Uma nos pediu outras informações sobre o livro: “Qual seria o formato aberto [em mm] e o formato fechado [em mm] do livro? Que papel seria usado na capa [tipo + gramatura]? Qual o tipo de acabamento [especificar: dobrado, cortado, vincado, *hot melt*, costurado]?”.

Além disso, hoje, percebo que uma tiragem com 1.000 ou 1.500 livros é irrealista tanto em termos de vendagem quanto em termos de custos para um fundo público. Era necessário definir uma tiragem que, por um lado, poupasse a editora de prejuízos (caso o livro “empacasse” em seu almoxarifado) e, por outro, não deixasse os leitores na mão caso se esgotasse rapidamente. Eu aprendia sobre tino comercial, aspecto tão necessário e não menos importante para se publicar um livro.

Recebemos os orçamentos pedidos. Para nossa surpresa, uma editora paulistana não só enviou o orçamento, como um aceite para a publicação: “O [nosso] conselho editorial aprovou para publicação em regime de co-edição a pesquisa, sob vossa coordenação, *Entre saias justas e jogos de cintura*. Em anexo, segue orçamento com os custos da publicação, discriminando os valores que [a editora] se dispõe a investir e o que é solicitado ao co-editor”. Quer dizer, bastava que “casássemos” os recursos: essa editora entraria com 50% do investimento e a outra metade poderia vir, dadas as nossas alternativas à época, do apoio do Fumproarte ou do FAC/DF ou de uma segunda editora disposta a trabalhar em regime de co-edição. Perguntamos à editora paulistana, qual seria a diferença entre estas duas opções. Seu ponto de vista comercial também nos foi instrutivo:

A co-edição com outras editoras é sempre complicada, pois ambas oferecem serviços e precisam de verba para os gastos externos com o livro. E ainda tem o problema da distribuição: quem distribui e onde? Com uma editora



universitária, talvez seja possível. E talvez interesse a eles ter uma co-edição [conosco], com uma visibilidade muito maior. (...) Por outro lado, com as universitárias, às vezes é possível, mas os processos são tão morosos que acabam parados em alguma instância.

Enquanto esperávamos pelas respostas dos fundos, mantínhamos outros flancos abertos. Uma colega sugeriu que escrevêssemos à Editora Mulheres, tradicionalmente relacionada aos temas de gênero, mulheres e feminismo e acostumada a trabalhar em parceria com outras editoras, inclusive a da Universidade de Santa Cruz do Sul. Ela nos lembrou que a UNISC contava com antropólogos em seu quadro docente e tinha abertura para temas da área. Enviamos um “mini-kit” à EdUNISC e à Editora Mulheres.

Para nossa surpresa, alguns céleres dias depois, a EdUNISC reagiu ao nosso email:

Em resposta a sua consulta sobre possibilidade de publicação pela EDUNISC, informamos o seguinte.

1. Como editora acadêmica, o tema em questão vem ao encontro de nossa linha editorial, acrescente-se que se trata de uma coletânea muito instigadora/interessante.

2. Nossos procedimentos são:

a. Análise de originais (uma cópia impressa em papel e em CD) na reunião mensal da Comissão Editorial da UNISC e posterior encaminhamento para avaliação externa (doutor/a na área) o que pode levar, no mínimo, dois meses;

b. Análise do parecer, na reunião mensal e, em caso de aprovação, encaminha-se para editoração/publicação;

c. Direitos autorais: 10%, em livros, sobre a tiragem, rateados entre organizadores/as e autores/as;

d. Despesas: inicialmente, nenhuma, depois de dois anos, se 50% dos livros não forem vendidos, é repassado o valor de custo desses 50% aos/às organizadores/as (especificado em cláusula contratual) que se comprometem em adquirir em livros o que corresponde a este valor.

Além de interesse pela obra, a editora já nos informava dos próximos passos. Era a primeira vez, em meses, que ouvíamos algo tão concreto e animador (e, ainda por cima, politicamente correto no uso do gênero!). Aproveitamos para imediatamente mandar um email de agradecimento e enviar o “kit-completo”.

## **Abril**

Com a carta de aceite daquela editora paulistana, retomamos os contatos que tínhamos iniciado – Editora Mulheres, EdUNISC e a editora porto-alegrense – na busca por uma co-editoria, numa tentativa de amarrar as frações de apoio que já tínhamos conseguido. Aos poucos, percebemos que a proposta orçamentária da editora paulistana afastou – mais do que atraiu – novas editoras. No mínimo, serviu para demonstrar que a obra havia despertado interesse e para nos aproximar de outras editoras. Contudo, hoje em dia avalio se este foi de fato um movimento estratégico, dadas duas respostas nos chegaram:

Com um orçamento desses [da editora paulistana], eu faço o livro sozinha. Está caríssimo! Mas de qualquer forma, já posso adiantar-lhes que tenho feito

muitas co-edições e em todas dividimos os custos igualmente. Não faço este tipo de co-edição vantajosa somente para uma editora.

A única razão do não aceite do livro pelo Conselho Editorial se deu em função da proposta da co-edição. Tentativas anteriores haviam sido feitas com esta e outras editoras e não foram satisfatórias.

A editora paulistana tinha nos oferecido um orçamento para concorrer a um edital público e, por um lapso nosso, não esclarecemos às demais editoras este fim específico. Talvez o orçamento fosse superestimado para que, em sua totalidade, o apoio recebido do fundo cobrisse todos os custos da editora. Talvez essa editora paulistana se sentisse tragada pela ganância comercial dos grandes valores e do superfaturamento quando recurso público está envolvido. Dessa forma, a contrapartida da editora seria apenas aparente. Descobríamos que, por um lado, orçamentos servem para destinatários e contextos específicos e, por outro, nem sempre é apropriado compartilhar as informações entre as editoras.

### Junho

O Fumproarte anunciou que o resultado da primeira etapa da seleção iria ser divulgado em suas reuniões na Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Como Alinne e eu não estávamos na cidade, pedimos que uma das autoras participasse. Nádia Meinerz aceitou o convite e descreveu, nos dias seguintes, a experiência:

Além de muitos elogios pela originalidade e qualidade do material, o projeto recebeu algumas críticas. As principais críticas, assinaladas por todos os pareceristas, referem-se aos custos do projeto: tiragem considerada elevada, muitos convites poderiam ser entregues em mãos [em vez de enviados por correio postal] e recursos deveriam ser destinados para uma assessoria de imprensa; o tamanho do livro foi considerado muito extenso, tendo em vista os seus objetivos e o caráter específico; o retorno à comunidade foi considerado pouco expressivo e sem necessidade no caso da doação para as universidades. Em resumo, consideraram o projeto muito bom, mas com custos muito elevados, os quais poderiam ser reduzidos e melhor distribuídos.

O item "convites" foi incluído no projeto porque previmos algum tipo de investimento, mesmo que mínimo, para o(s) lançamento(s) do livro. E a sugestão de contemplar uma assessoria de imprensa fez todo sentido. (A frente, se verá como foi positivo contar com este tipo de aporte profissional ao "Saias"). Observo, por um lado, que financiamentos tradicionais para a publicação acadêmica raramente contemplam a etapa posterior à saída da gráfica, isto é, quando é necessário fazer o produto chegar aos ouvidos e mãos dos leitores e, por outro, que muitos livros e revistas têm se acumulado em caixas estocadas em almoxarifados de departamentos universitários. É preciso pensar na divulgação e distribuição do que produzimos.

Ainda segundo Nádia, dois, dos três pareceristas, recomendaram que o livro seguisse para a segunda etapa de avaliação e, com base nos pareceres apresentados, enviásemos uma carta de esclarecimento. Aprendíamos como cada ator – editora, co-editora, financiador etc. – tem expectativas específicas e precisávamos, para ter sucesso, nos adaptar a estes diferentes arranjos de critérios e interlocução. Ao mesmo tempo, Andrea Lobo nos informou que o projeto do livro

foi aprovado na primeira fase do FAC/DF. Embora a EdUNISC tivesse sinalizado seu interesse, o livro precisaria passar pelo aval de seu conselho editorial. Por isso, não podíamos ainda abrir mão dos outros contatos que havíamos feito, como esses dois fundos públicos e algumas outras editoras. Precisávamos seguir em linhas paralelas, até uma resposta definitivamente positiva.

### **Julho**

Em Julho, ao contrário do anterior, recebemos vários baldes de água fria. Os dois fundos rejeitaram o projeto na segunda fase. Noto que apesar de a “edição de livros nas ciências humanas” ser uma linha específica, não parece ser realmente uma prioridade na alocação dos recursos. A idéia de “cultura” se resumia, a meu ver, a “fotografia, dança, música e teatro”.

Felizmente, neste mesmo mês de Julho, recebemos alguns retornos que renovaram a confiança de que o livro valeria ser publicado. Uma professora da Unicamp nos pediu a permissão para citar o “Saias” em seu novo livro. Uma professora da UFSC perguntou se autorizávamos que uma versão em PDF circulasse entre seus alunos da disciplina “Métodos de pesquisa em Ciências Sociais”. Daniela Cordovil, uma das autoras, comentou que, nas disciplinas de “Métodos de pesquisa” e “Antropologia brasileira” do curso de Especialização em Antropologia oferecida na Universidade Federal do Amapá, pretendia utilizar algumas das referências que apareciam, particularmente, na “Introdução” do livro. Não imaginávamos que “no prelo” poderia ser um período tão longo e moroso; pelo menos, enquanto isso, o livro ganhava divulgação e esperávamos que isso pudesse lhe ajudar futuramente, na fase das prateleiras das livrarias. Por outro lado, essa fase também poderia ser entendida como um teste prévio de aceitação (ou não) do livro; teríamos a chance de avaliar se nosso projeto fazia sentido na Antropologia.

### **Setembro**

Alguns meses de silêncio e, de repente, a Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul nos contactou novamente: informavam o aceite para publicar a obra! Este, sem dúvida, é um dos momentos de maior realização para um/a pesquisador/a. O email vinha acompanhado de um parecer que sugeria mudanças de forma e de conteúdo: traduzir as citações em língua estrangeira; padronizar os capítulos (inclusão de “introdução”, “conclusão” e subtítulos); incluir um posfácio que servisse para alinhar a obra; rearranjar o título do livro para que, junto com a capa, servisse como “portal de entrada” na busca por leitores; e uma série de pequenas correções e comentários manuscritos no próprio copião. A editora pediu que enviássemos, assim que possível, uma cópia impressa do livro devidamente revisado, bem como seu análogo eletrônico. Sugeriu também que já pensássemos em idéias para a capa e nos avisou que uma minuta de contrato entre a editora e as organizadoras em breve seria enviada para revisão, assinatura e devolução.

Claudia Fonseca, que havia sido professora das organizadoras e de algumas autoras, aceitou assinar o posfácio. No email de boas novas que enviamos às autoras, aproveitamos para lhes atualizar sobre a incorporação de Fonseca à

trupe, enviar uma cópia do contrato e pedir exemplos de fotografias de suas experiências de campo para pensarmos a capa. Gracco Bonetti, *designer* e primo de Alinne, ofereceu para começar a “brincar” com as fotos que nos chegaram. Aceitamos de bom grado essa contribuição. O livro crescia como um projeto coletivo.

### Novembro

Nestes últimos meses de 2006, trabalhamos para acertar o livro. As autoras revisaram seus artigos à luz do parecer e de acréscimos que ainda julgassem necessários. É claro que o efeito do tempo e o retorno aos textos produziram novos dilemas e reflexões por parte das autoras, servindo para amadurecer ainda mais os textos. De nossa parte, atualizamos os currículos, acrescentamos agradecimentos, créditos e a versão final do posfácio. O/A parecerista da EdUNISC também havia sugerido que mudássemos o título do livro. Na versão lida por ele/a, o livro se chamava “Entre saias justas e jogos de cintura: Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente”. O desafio era manter o título e repensar o subtítulo. A editora, muito mais familiarizada com as demandas comerciais, nos explicou: “Subtítulo é dispensável. [Geralmente] se aproveita a quarta capa do livro para, em um ou dois curtos parágrafos, se explicitar o tema/foco central do livro. É o que os leitores normalmente fazem: analisam as capas e quanto mais informações (sucintas) melhor. Quanto mais enxuto o título mais chama a atenção”. Acatamos a sugestão e ficamos apenas com o título. Fundamental foi trabalhar com uma editora que nos permitiu dialogar sobre estas importantes peças de uma obra: revisão, convidadas/as, título e capa, como veremos a seguir.

Gracco Bonetti nos apresentou uma primeira e linda idéia para a capa. Com base numa foto da autora Kelly Cristiane da Silva, tirada numa festa de casamento timorense, o artista resolveu relacionar o título do livro à imagem. Passou para preto e branco a fila de mulheres que dançavam em um semicírculo e coloriu somente suas saias. No dia seguinte, enviamos a proposta à editora, que também se entusiasmou, mas nos explicou que preferia não utilizar fotografias em que as pessoas permanecessem identificáveis, por questão de anonimato, mas também para desonerar-se de direitos autorais. Sugeriu, assim, que conseguíssemos autorizações assinadas para o uso desta imagem ou utilizássemos outra foto. Kelly nos explicou que, embora fosse impossível reencontrar todas as mulheres que apareciam na foto (já que viviam em diferentes vilarejos no interior do Timor Leste), no evento em questão havia várias pessoas autorizadas a tirar fotos e, conhecendo essas mulheres, acreditava que receberiam com muito gosto a notícia de estarem estampadas na capa de um livro no Brasil. Tentamos identificar pelo menos as mulheres que apareciam em primeiro plano. Kelly, baseada em suas boas redes em campo, conseguiu os nomes completos das duas primeiras mulheres da fila. A festa, o contexto e a cidade também compuseram os créditos da foto. A editora concordou com esses termos e aceitou que Gracco assumisse o trabalho como capista do livro e que fosse devidamente remunerado pela tarefa.

Ainda neste mês, a EdUNISC nos escreveu avisando que havia proposto produzir o livro em co-edição com a Editora Mulheres, de Santa Catarina. Em razão de contato anterior, esta já conhecia nossa proposta e aceitou a parceria. Esta editora catarinense, que ficou incumbida de preparar os originais, já iniciava a

revisão de português dos textos. Pediu ainda que fosse encaminhada a proposta de capa feita por Gracco Bonetti<sup>5</sup>. Agora, a produção do livro avançava sob um cronograma de atividades.

2007

### Janeiro

Depois do veraneio, a Editora Mulheres pediu uma foto das organizadoras para a orelha direita do livro e também um pequeno texto que entraria na contracapa, com 25 linhas e tom “light” e atrativo. Acrescentou ainda que, em Fevereiro, o livro seguiria para a gráfica e, em março, estaria pronto. Depois de quase três anos, o livro finalmente se transformava em uma realidade concreta.

Produzimos os elementos que faltavam. Inventamos um texto sedutor para a contracapa com o objetivo de atrair os leitores/as a abrir o livro e passar ao sumário, apresentação, artigos etc. Escrevemos também um pequeno e bem humorado texto sobre as organizadoras. E o amigo e experiente fotógrafo, Angelo Adami, como mais uma contribuição ao projeto, ofereceu para tirar nossa foto. Contar com uma equipe voluntária e atenta de amigos em Porto Alegre foi decisivo para que os eventuais problemas fossem detectados e resolvidos a tempo. (Uma sugestão nesse sentido, por exemplo, foi a inclusão, na orelha esquerda do livro, dos nomes das autoras, inclusive da que assinou o posfácio e de Andrea Martini, que contribuiu com uma linda epígrafe para o livro).

Entendemos que a diagramação do miolo condicionava a conclusão da capa, já que a quantidade de páginas do livro era o que determinaria a centimetragem de sua lombada que, por sua vez, refletiria no comprimento linear da capa aberta. Na verdade, havia toda uma cascata de atividades que precisava ser seguida: a revisão e a diagramação do miolo (feitas pela editora), a revisão do texto diagramado (feita pelas autoras e organizadoras<sup>6</sup>), inclusão das correções dessa revisão (feita pela editora), o orçamento de impressão do livro e sua aprovação pelas duas editoras, o envio da capa (em arquivo ftp e meio físico) diretamente do capista à gráfica, a prova da capa (feita pela gráfica e aprovada pelo capista) e, só então, a rodagem do livro.

### Fevereiro

A revisão e a subsequente diagramação do miolo ficaram prontas. Passamos o arquivo de cada capítulo à respectiva autora. Depois, as organizadoras do livro reuniram, num arquivo de texto, todas as modificações (com as páginas

---

<sup>5</sup> A partir de então, a capista da editora trabalharia diretamente com Gracco. Além da foto, Gracco ainda precisaria adequar os formatos finais da capa, contracapa, lombada, orelhas e inserir o logotipo ou *lettering* da editora e o ISBN com seu respectivo código de barras, para completar o *layout* da capa como um todo.

<sup>6</sup> A própria diagramação gera novos errinhos no texto (como problemas de hifenização, as “linhas viúvas”, etc.), e uma nova revisão é necessária nessa etapa, antes de gerar o fotolito final do miolo para ser rodado na gráfica.

correlatas) realizadas pelas autoras. Isso facilitaria para que a revisora localizasse, aprovasse e operasse as inclusões. De fato, aprendíamos na prática que a revisão é uma das etapas mais criteriosas e quase intermináveis na produção de um livro. Até hoje, detectamos pequenas incorreções no “Saías”. Com toda esta ajuda coletiva, em quinze rápidos dias, revisamos as centenas de páginas do arquivo e o livro completo foi enviado à editora.

A editora nos avisou que, embora louvável a nossa tarefa de atualizar os currículos, era impossível aumentar (ou diminuir) páginas na versão já diagramada. A essa altura, com orçamentos já elaborados e aprovados, não podíamos mudar o custo da produção. Tropeçávamos em desafios que a forma, por vezes, apresentava ao conteúdo. E, além dos custos, havia o tempo. As editoras queriam o livro pronto em março.

Enquanto isso, a EdUNISC achou o orçamento de impressão um pouco alto e sugeriu trocar o papel do miolo e o acabamento da capa. “Papel offset branco 90g/m<sup>2</sup>” seria utilizado no lugar do “papel reciclado 75g/m<sup>2</sup>”. Além de mais espesso e resistente aos problemas de infiltração da tinta de impressão, o primeiro ficava mais em conta, mas, claro, era menos ecológico. Dessa forma, a nova espessura do papel impactou diretamente na largura da lombada, que aumentou ligeiramente. Sobre o acabamento da capa, as editoras queriam a capa brilhante, mais barata do que a fosca. Mas Gracco, o capista, esclareceu-nos: “A impressão em papel brilhante ou fosco não impacta o preço final. Mas a colocação de algum produto de proteção, verniz a base d’água ou similares, eleva o preço da impressão em 10 ou 20%, conforme a tecnologia da máquina utilizada”. Concordávamos com ele que a capa fosca era mais bonita e moderna. Por fim, optou-se pela capa fosca sem vernizes, tentando equilibrar expectativas das editoras e das organizadoras. A editora catarinense encaminhou uma cópia impressa da capa para Gracco avaliar, aprovar e devolver com as devidas correções. Só com essa aprovação, a gráfica rodaria o material.

### **Março**

A editora catarinense abriu o mês com uma estimulante mensagem. Escreveu pedindo o endereço para o envio das caixas com os livros prontos. A previsão desta chegada nos possibilitaria planejar uma data de lançamento e sua respectiva divulgação local. No dia 28 de março, chegara o momento esperado depois de árduos 29 meses de trabalho, desde 2004. À época, eu morava na rua ao lado e corri até a casa de Alinne: dentro das caixas de papelão, encontramos os livros – lindos, caprichados, com cheiro de novo.

Ao final, tivemos maior clareza da divisão de tarefas em um empreendimento consorciado, como foi o caso do “Saías”. A editora gaúcha pagou pela impressão e o trabalho do capista, definiu o “preço de capa” do livro e assumiu sua distribuição comercial. A cargo da editora catarinense ficaram os custos com editoração, revisão, o International Standard Book Number (ISBN, trâmite realizado pela Fundação Biblioteca Nacional), ficha catalográfica (elaborado por um profissional da Biblioteconomia) e produção dos fotolitos para a impressão. Além disso, esta editora também coordenou os serviços da gráfica, localizada em seu próprio estado, e o envio terrestre dos 10% da tiragem, referentes aos direitos autorais.

O preço determinado para o livro também foi motivo de reflexão e, ao nos apropriarmos dos detalhes financeiros envolvidos, aprendemos como se cobrava por um livro e como havia o "mundo das editoras", "o mundo das livrarias" e o "mundo dos compradores". O "Saias", com 376 páginas, recebeu o preço de R\$55. Julgamos este valor muito "salgado" e tentamos negociar. Nenhuma das editoras concordou em baixar o preço, mesmo ao alegarmos que o público discente das Ciências Sociais geralmente vivia com bolsas de estudo e que não era fácil encontrar empregos imediatos e bem remunerados na área. Poderíamos comprar o livro, como autoras/organizadoras, com um desconto de 50%, chamado de "desconto de distribuidor", no caso, R\$27,50. Segundo o contrato, não poderíamos vendê-lo por menos de R\$33,00, isto é 40% do valor encontrado na livraria local da editora. Assim, optamos por R\$40, valor que concorria com o "teto" - os R\$55 do preço de capa, mas não com o "pisso" - os R\$33 do preço de loja da editora, no maior desconto oferecido pela mesma. *In loco*, o livro na editora sairia mais barato, mas nosso preço era mais vantajoso em comparação à compra realizada pelo *site* da editora, que vendia a R\$55, acrescidos dos custos de envio postal. De nossa parte, o maior objetivo era fazer o livro circular ao máximo e pensar sobre as possibilidades de preço era um passo fundamental e realista para ampliar essa circulação<sup>7</sup>.

Com os livros em mãos, novas tarefas se apresentaram. Era preciso encontrar um espaço para realizar o lançamento e, em seguida, seria possível produzir um *release* e divulgar o evento na mídia local. Ao visitarmos algumas livrarias de Porto Alegre, mais aprendizados. Descobrimos que, na maior parte das vezes, elas cobravam entre 30% a 40% de cada livro vendido ali. Para o lançamento, muitas livrarias não ofereciam nada em troca (uma taça de vinho, uma mesa de canapés, música ao vivo etc.). Quer dizer, precisaríamos pagar metade do livro à editora e deixar a outra metade na livraria, nada sobrando para a poupança do livro<sup>8</sup>. Optamos, assim, por lançar o livro em um bar, à beira do Lago Guaíba, que não cobrou qualquer comissão de venda.

---

<sup>7</sup> O contrato previa que nos responsabilizássemos pela venda de metade da tiragem do livro (definida em 500 exemplares), descontados o pagamento dos direitos autorais (isto é, 10% da tiragem a ser dividida entre organizadoras e autoras). Caso não vendéssemos estes 225 livros, teríamos que comprá-los da editora ao final dos dois anos de contrato. Por isso, uma vez pronto, resolvemos abrir uma poupança para o livro a fim de formar um fundo de segurança. Não tivemos qualquer tipo de lucro financeiro com o livro, uma vez que o que foi arrecadado com a vendagem se transformou em capital utilizado para que o próprio livro pudesse se pagar, junto à EdUNISC. E este foi justamente o caso, no início de 2010, quando o contrato expirou. A poupança foi fundamental para quitar esses valores junto à editora e não onerar as organizadoras.

<sup>8</sup> Na prática, os dois cenários de comissões de venda geravam o seguinte quadro: significava deixar de R\$16,50 e R\$22 na livraria caso vendéssemos o livro pelo preço original de capa, R\$55. E, pagando R\$27,50 por cada livro (isto é, o "custo do distribuidor"), restaria de R\$11 a R\$5,50, respectivamente, para a poupança do livro. Se mantivéssemos nossa proposta de preço, R\$40, e honrássemos os R\$27,50 junto à editora, ficaríamos com R\$0,50 no primeiro cenário (30% de comissão da livraria) e devendo R\$3,50, no segundo cenário (40% da livraria). O mesmo acordo vigoraria depois do lançamento, se os livros ali ficassem consignados para a venda subsequente.

Enquanto isso, a equipe voluntária novamente entrou em ação. Marcia Veiga, amiga jornalista, aproveitou parte do texto bem humorado da contracapa, acrescentou informações sobre o livro e, junto com Gracco Bonetti, fizeram um *press-release* a ser disseminado na mídia e um convite eletrônico para nossos contatos pessoais. Ela também levantou uma lista de jornalistas que cobriam a área cultural e literária da cidade nos mais diversos veículos – mídia impressa, televisiva, radiofônica, internet, jornais de bairro, periódicos de ONGs etc. Negociamos com as editoras uma pequena cota de livros para a mídia, sem ônus para as organizadoras. Em alguns casos, demos um exemplar ao editor do jornal, em outros, apenas emprestamos o livro para que a matéria fosse produzida. Esperava-se que, com o livro em mãos, o editor tivesse mais tempo e interesse em se debruçar sobre o mesmo. Não é praxe entre jornalistas dar retorno às suas fontes, mas alguns nos enviaram a matéria para o arquivo do livro e, para outros, escrevemos para agradecer pelo interesse no mesmo. Esta prática do *follow-up*, como é conhecido no meio, funcionou bem.

Nos próximos dias, várias páginas eletrônicas noticiaram o lançamento e o livro em suas seções de literatura, autógrafos, eventos culturais. Algumas produtoras de televisão e rádio reagiram ao contato de nossa generosa assessora de imprensa. Programas de variedades e de “vida cultural local” se interessaram em receber as organizadoras e autoras para entrevistas e promoção do livro. Estes programas, geralmente, marcavam com um dia de antecedência<sup>9</sup>.

Aproveitamos várias mídias para divulgar o convite: *emails, orkut, blogs*, listas de discussão, centros de estudos. As autoras que atuavam/estavam em outros países ajudaram a internacionalizar a divulgação. Comprovamos a eficiência de um bom texto de divulgação, seja na contracapa do livro, seja nos convites e *releases* eletrônicos. Recebemos mensagens como: “O texto da contracapa está ótimo. Fiquei com muita vontade de ler o livro” e “E se o texto da contracapa refletir o conteúdo interno, a leitura vai ser fascinante”. E também recebemos boas sugestões corretivas: “Repere que no seu convite não consta nem o bairro, nem a cidade nem o Estado. Vocês deverão mandar pra outros lugares e seria interessante indexar essas referências”. Assim, o convite eletrônico rendeu muitos contatos, provando ser uma estratégia bastante eficiente.

Além disso, muitos pares já encomendaram livros autografados, sugeriram que novos lançamentos fossem programados em suas cidades e departamentos universitários e indicaram revistas que estariam receptivas a resenhar o livro. Para atender aos pedidos, a etapa dos Correios foi nossa próxima tarefa. A modalidade mais econômica de envio é o “impresso”. O preço variou conforme o peso do livro e o estado de destino do comprador/a, não chegando a R\$5. O impresso se provou um pouco lento (entre duas e três semanas), mas confiável. Leitores mais afoitos concordaram em pagar por serviços expressos. Os pagamentos aconteceram via

---

<sup>9</sup> Márcia nos orientou sobre o figurino (evitar listras e roupas que nos deixassem desconfortáveis nas poltronas dos estúdios), a dicção (falar pausadamente com informações diretas e não prolixas, lançar mão de exemplos do livro para tornar a conversa leve e interessante para o espectador/a etc.) e a estratégia de levar uma cópia impressa do convite do lançamento para a produtora e a apresentadora. “Daí”, nos explicou por email, “ela dá o serviço (repete o dia, lugar, horário do lançamento) e mostra o livro novamente”.



depósito bancário diretamente na poupança do livro. Para aqueles que preferiam comprar da editora, repassávamos os sítios eletrônicos das mesmas que, com algum tempo, facilitaram a venda via boleto e transferência bancária.

Às 13 autoras, encaminhamos o *release* e convite eletrônico, avisamos sobre o lançamento em Porto Alegre, informamos sobre a matemática das vendas e sugerimos que pensassem em estratégias de divulgação em suas cidades (aproveitando e adaptando o *release*). Estes materiais de divulgação também foram enviados às nossas duas editoras: pedimos que repassassem às suas malas diretas e disponibilizassem, na semana do lançamento, em seus *sites*, catálogos e pontos de distribuição nacional.

Ao final, Ângelo Adami sistematizou os resultados da incidência na mídia: 14 sítios eletrônicos, 7 jornais impressos, 6 programas de televisão e 2 programas de rádio emplacaram alguma notícia sobre o “Saías”. Esses dados numéricos também foram encaminhados às duas editoras, num intuito de demonstrar o empenho realizado e justificar a cota-cortesia de livros disponibilizada por elas. O trabalho tinha valido a pena para divulgar o livro, mas não temos certeza se essa repercussão se converteu em venda de livros ou, ao menos, interesse em conhecer melhor uma nova produção na área da Antropologia e ampliar o conhecimento geral sobre esta área.

### **Abril**

O primeiro lançamento aconteceu no início do mês e reuniu dezenas de colegas da UFRGS, amigos, familiares e a equipe voluntária. Primeiro, uma cantora local animou a noite. Depois, cinco das autoras que estavam na cidade subiram ao palco para um pequeno sarau. Cada uma declamou um trecho do livro, selecionado de antemão, o que serviu para deixar a atmosfera bem humorada, além de oferecer uma simpática amostra do conteúdo da obra. No final do mês, fizemos outro lançamento, em Brasília com a presença de duas autoras. Uma jornalista local nos deu outra boa dica do mundo midiático: “Mandem o texto do *release* em arquivo word, para eu colocar no corpo do email. Alguns jornalistas têm preguiça de baixar anexos, conheço as peças”. Ambos lançamentos tiveram bastante sucesso: na capital gaúcha, quase 40 livros foram vendidos; na capital federal, exatos 50.

### **Mai**

Depois destes primeiros eventos, partimos para conhecer os trâmites de lançamentos em eventos científicos. Geralmente, os *sites* dos congressos já explicitam como proceder: há um email da pessoa responsável, um formulário a ser preenchido (com informações sobre o livro, as organizadoras/autoras, preço de capa etc.) e, muito raramente, o envio antecipado de um exemplar (que depois integra o acervo da biblioteca universitária) e o pagamento de um valor para ocupar a mesa de autógrafos. A cada evento, tentamos adaptar o *release* e o convite com as especificidades locais para divulgar o lançamento eletrônica e previamente. Já no local, o *release* do livro, em tamanho mais visível, foi colado pelos corredores, o que ajudou a atrair interessados para o momento dos autógrafos. A autora responsável pelo lançamento deveria informar a editora gaúcha, com algumas

semanas de antecedência, da quantidade de livros necessários e, posteriormente, efetivar a prestação de contas com o seu setor financeiro. O frete para envio dos livros foi sempre custeado pela editora, mas quando nossa própria cota de livros seguiria para o evento, nós mesmas os transportamos, dispensando os correios e barateando os custos (ou, quando necessário, contamos com a poupança do livro). Estes encontros também serviram para que conhecêssemos as autoras com quem só havíamos “teclado” até então. O livro seguia multiplicando contatos e o fato de ser uma coletânea se mostrou uma grande vantagem porque permitia que muitas “mãos” em muitos estados brasileiros se envolvessem em disseminá-lo<sup>10</sup>.

Assim, priorizamos quatro frentes de divulgação: a mídia comercial, os contatos eletrônicos e virtuais, os congressos acadêmicos e os espaços tradicionais de divulgação acadêmica (como resenhas, cursos, salas de aula etc.). Em cada frente, aprendemos especificidades valiosas e pudemos, assim, balizar suas vantagens e seus limites. O “Saias” nos proporcionou uma gama de desafios impensados e, em particular, valorizo imensamente essa enorme liberdade de experimentação que tivemos ao longo de todo o processo.

### Agosto

Conforme precisávamos de mais livros, o representante comercial nos mandava a quantidade requisitada, pagávamos pelo valor total e as vendas aconteciam paulatinamente, com os valores sendo revertidos para a poupança do livro. Assim, percebo que não só entramos diretamente - organizadoras e autoras - no processo de divulgação do livro (sobretudo, à época dos lançamentos), mas no processo de sua distribuição também. Avalio que esta postura, sempre muito ativa, foi fundamental para que o livro ganhasse prateleiras, salas de aula e circuitos acadêmicos.

Em Agosto, a editora gaúcha nos informou que seu estoque estava no fim, restava apenas uma dúzia de exemplares. Nova surpresa: em cinco meses a tiragem havia se esgotado! A editora manifestou interesse em produzir uma reimpressão. Fernanda Noronha, uma das autoras, nos informou que o livro tinha sido o sétimo mais vendido, segundo o sítio da editora. Julgando termos um pouco mais de barganha, propusemos, então, novos termos para o contrato: aumentar para 20% (ao invés de 10%) os livros destinados às autoras e, dois anos após a data da publicação, as autoras se comprometeriam a adquirir 25% (e não 50%) da quantidade de exemplares que faltassem. No final das contas, não conseguimos negociar e o contrato se manteve idêntico ao primeiro. Ainda assim, acredito ser necessário tentar negociar os detalhes contratuais, tentando favorecer os autores/organizadores quando possível.

Aos poucos, depois da euforia inicial, encontramos pequenos defeitos na primeira tiragem do livro. A dedicatória e a epígrafe não haviam entrado; os currículos não estavam atualizados; faltou incluir “organizadoras” na capa do

---

<sup>10</sup> Em 2007 e em 2008, o “Saias” foi lançado, respectivamente, em 7 e 2 eventos regionais e nacionais, maiores e menores, relacionados a associações profissionais, núcleos de pesquisa etc.

livro; e restavam pequenos equívocos de ortografia, acentuação, bibliografia etc. As autoras foram fundamentais nesse novo escrutínio e, na reimpressão, resgatamos estas notas para revisar novamente o livro. Ficava claro, mais uma vez, como um bom processo de revisão de um livro é tarefa infundável.

Novos retornos ao livro foram surgindo e aprendíamos sobre tantas outras possibilidades para sua utilização. Uma resenha foi publicada na Revista de Estudos Feministas; capítulos foram incluídos em programas de disciplinas da Antropologia como “Métodos e técnicas” e “Teorias feministas, políticas e diálogos com a antropologia” (segundo colegas da UFSC, UFF, UFPE, UnB); antropólogos tinham lido o livro quando em campo, com uma aplicação e diálogo imediatos; a obra ajudou na contabilidade do Qualis Livro 2007 da UFRGS. Uma professora estadunidense escreveu perguntando, “Any possibility it will be published in English so I can use it with grad students here?”.

### **Algumas considerações finais**

Logo depois do primeiro lançamento, recebi um carinhoso email de uma colega que, à época, também fazia seu doutorado na UFRGS. Em um trecho, Rosana Machado nos dizia: “Gurias, é isso aí, vocês fazem as coisas e abrem passagem para mais um monte de gente. Parabéns pela iniciativa e por ter insistido no livro”. Esse comentário me indica aspectos importantes dessa experiência. No período de formação e socialização acadêmicas raramente temos a oportunidade para aprender, para além de pesquisas e teses, a fazer e circular livros e revistas. Quando alguém se encoraja para “fazer coisas”, como diz Rosana se referindo, imagino, a tarefas que não são costumeiras de um estudante de pós-graduação, pode, realmente estar abrindo caminhos, mas, sobretudo deixa claro que são novidades possíveis de serem concretizadas. “Insistir” quer dizer enfrentar diferentes tipos de adversidade inesperada e, muitas vezes, inflacionada pela junioridade e inexperiência dos autores/organizadores. (As novidades também vêm na forma de desafios e dificuldades). Também quer dizer que há toda uma temporalidade entre, primeiro, ter uma idéia e, segundo, vê-la impressa em papel e sendo lida por públicos inimagináveis. Essa temporalidade precisa ser contemplada e suplantada com persistência e, ao mesmo tempo, profissionalismo.

Eu realmente acredito que autores novos, desconhecidos e sem recursos, mas com bons textos para publicar, podem sobreviver. O que tento demonstrar nesse artigo, com o exemplo do “Saias”, é que, para tanto, não podemos deixar nossa produção totalmente nas mãos dos outros. É realmente necessário conhecer o processo editorial, desde a concepção do livro (tamanho, estilo, foco etc.), até as filigranas dos valores “de capa”, “de livraria” etc. É preciso aprender a negociar questões estéticas, inserções na mídia, prazos, preços etc.

Em vários momentos, sentimos uma tensão entre o “mundo comercial”, o “mundo midiático” e “mundo da Antropologia”, já que promover o próprio trabalho – seja nos canais jornalísticos, seja no *front* das vendas – parecia ser visto com certa reserva e até desconfiança por alguns pares. Senti que lidar com a comercialização profanava de alguma forma nosso fazer intelectual. Como se falar de dinheiro, de vendas, de tiragem esgotada não fosse próprio de “nosso mundo” acadêmico, reforçando o que a socióloga argentina, Viviana Zelizer, tem tão bem

colocado como os dois “mundos hostis”. Quer dizer, o que é valorizado (afeto, relações sociais, idéias) se descaracteriza necessariamente ao entrar em contato com o “vil” metal (Zelizer, 1997 e 2005). Zelizer, com sua ótima pesquisa etnográfica, apresenta uma alternativa, haveria “pontes”, possibilidades de convivência e diálogo entre estes mundos.

Porém, não adianta só querer colocar as boas idéias antropológicas no papel, é preciso que elas, de fato, cheguem aos leitores. E, para tanto, é preciso passar pelo mundo da produção, das editoras e também das livrarias; é preciso promover o livro e a mídia é uma interlocutora importante nesse sentido; é preciso conhecer como os Correios operam etc. Caso contrário, os custos de um livro podem ficar altíssimos e determinados por outros personagens que não os autores e provavelmente estes terão que desembolsar quantias impraticáveis quando se sobrevive com uma bolsa de estudos, por exemplo.

Notei que a indisposição em atravessar possíveis “pontes”, por parte de alguns acadêmicos, pode reforçar a “cultura do editor”. Mas, dessa forma, corremos o risco de sucumbir aos ditames de editoras, gráficas, vendedores de livros e livrarias e, no final das contas, precisaremos custear a produção, publicação, distribuição e venda de nossos livros. Sem conhecer esses caminhos, enredamo-nos na dependência. Não quero dizer que, colocando a mão na massa teremos total controle sobre nossos livros, mas ganhamos um pouco mais de autonomia e poder de decisão sobre eles. Mas aprendi que, por exemplo, o diálogo com a mídia foi um ótimo aprendizado prático, já que durante minha formação, não tive a chance de aprender técnicas de popularização do conhecimento acadêmico para o grande público. E o diálogo com as livrarias e diferentes atravessadores foi fundamental para encontrar formas que não espoliassem demais nosso trabalho e restasse um pouco para a poupança do livro, garantindo, assim, certa segurança para levar adiante um contrato que previa o pagamento pelos livros, ao final. O contato por internet foi bastante libertador porque pudemos estabelecer contatos diretos, sem qualquer intermediário. Pudemos, assim, conhecer leitores, seus pedidos por livros, seus *feedbacks* ao gostar ou não do mesmo, seu apoio para divulgar o livro em tantos lugares que não conheceríamos se não fosse essa importante ferramenta de comunicação.

Mensagens como a de Rosana Machado resumem as razões que me estimularam a escrever esse texto. Minha modesta expectativa é que a cronologia que comento aqui, bem como as reflexões que tecemos no “Saías” (sobretudo em sua “Apresentação”, que traz outros detalhes sobre o artesanato do livro), possam ser de alguma utilidade para pares que desejam se aventurar pelo **vôo das idéias** para além do computador pessoal, dos restritos redutos acadêmicos e dos críticos seguros.

### Referências

- BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz do Sul/Florianópolis: Edunisc/Editora Mulheres, 2007.
- SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA DE PORTO ALEGRE. *Fumproarte: Edital do concurso Nº 01/2006*. Porto Alegre, 2005a.
- SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL. *Fundo da Arte e da Cultura*. Brasília, 2005b.
- ZELIZER, Viviana. "Circuits within capitalism". In NEE, Victor e SWEDBERG, Richard (Orgs.). *The economic sociology of capitalism*. Princeton: Princeton University Press, 2005, pp. 288-321.
- \_\_\_\_\_. *The social meaning of money. Money, paychecks, poor relief, and other currencies*. Princeton: Princeton University Press, 1997.